

FORMAÇÃO DOCENTE EM MOVIMENTO: O PIQUENIQUE LITERÁRIO COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM AS INFÂNCIAS NA ESCOLA PÚBLICA

Luciana Flávio Gomes da Silva¹

Mickelly Macedo Rezende²

Patrícia dos Santos Pereira³

Eliana Simões Sampaio Ramon⁴

RESUMO

Este relato apresenta uma proposta de mediação literária vivenciada com uma turma de crianças de 5 anos da Educação Infantil, em uma escola pública municipal, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – Pedagogia), sob acompanhamento da professora supervisora. A experiência consistiu na realização de um piquenique literário no gramado da escola, com uso de tapetes de EVA, tecidos e varal de livros, mediante curadoria prévia de obras literárias infantis. O espaço foi organizado intencionalmente para favorecer a fruição estética da leitura com, para e pelas crianças.

A proposta fundamentou-se nas concepções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, e em abordagens teóricas que compreendem a literatura como arte e reconhecem as infâncias como sujeitos de direitos e produtores de cultura. A atividade permitiu observar como as crianças exploraram e se relacionaram com os livros em situações de leitura livre e mediada. Destaca-se o gesto leitor de uma criança que, após ouvir a história Lelé da Cuca, da autora Nye Ribeiro, proferida pela professora supervisora, expressou o desejo de “ler” também, guiando os dedos pelas letras e imagens ao recontar oralmente a narrativa. Outras crianças exploraram os livros em duplas, trocando comentários e recontos. A vivência evidenciou que o deslocamento da leitura para fora da sala de referência despertou interesse, curiosidade e participação ativa das crianças. Um elemento emergente foi a curiosidade investigativa diante de um buraco encontrado no parque, que gerou rodas de conversa e novos temas de investigação nas semanas seguintes. A experiência valorizou as minúcias do cotidiano das infâncias, em consonância com o pensamento do professor criancista Altino José de Oliveira, que propõe um olhar sensível e atento aos modos de ser, estar e agir das crianças no mundo.

Palavras-chave: Literatura infantil, Educação Infantil, Formação docente, Experiência estética, Infâncias, PIBID.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis- MT, luciana.gomes@aluno.ufr.edu.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis- MT, luciana.gomes@aluno.ufr.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis- MT, luciana.gomes@aluno.ufr.edu.br;

⁴ Mestranda pelo Curso de Mestrado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)- FW, eliana.sramon@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A literatura infantil, quando compreendida como forma de arte, amplia o horizonte da experiência na Educação Infantil, promovendo encontros entre as crianças e os múltiplos sentidos do mundo. No entanto, nas práticas escolares cotidianas, a leitura com crianças de cinco anos, especialmente em contextos de escolas públicas periféricas, tende a restringir-se ao espaço da sala de aula e ao viés instrumentalizado da alfabetização. Essa limitação compromete o potencial da literatura como linguagem estética, como também invisibiliza os modos de ser, estar e agir das infâncias no espaço escolar (Ostetto; Silva, 2018).

Na contramão dessa lógica, a proposta de um piquenique literário — realizada com crianças da Educação Infantil em uma escola pública de Rondonópolis, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) — buscou deslocar a leitura para o gramado da escola. Tapetes, tecidos, varal de livros e curadoria literária foram organizados com a intenção de favorecer a fruição estética da leitura com, para e pelas crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos e produtoras de cultura (Dos Anjos; Vieira, 2018). Inspirada no pensamento do professor criancista Altino José de Oliveira, a experiência também valorizou as minúcias do cotidiano e os gestos singulares das crianças como formas legítimas de produção de conhecimento e cultura.

A experiência estética, enquanto encontro sensível com a linguagem artística, exige um olhar atento não apenas para os objetos literários, mas para a ambiência em que a leitura se dá (Ostetto, 2021). Tal olhar se estende à formação docente, entendida como processo em movimento, especialmente no contexto do PIBID, em que as pibidianas vivenciam situações concretas de mediação cultural. Pesquisas indicam que a arte e a literatura ainda são tratadas de modo secundário nos cursos de formação docente, o que cria lacunas na compreensão da criança como sujeito estético e na apropriação de práticas de leitura sensíveis (Moro; Vieira, 2019; Micarello; Baptista, 2018).

Diante disso, este artigo busca refletir sobre a articulação entre literatura, infância e formação docente, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: de que forma o piquenique literário como experiência estética contribui para a vivência literária das crianças e a formação docente das pibidianas?





Os objetivos são: (i) analisar as interações e modos de apropriação literária das crianças no contexto do piquenique; (ii) refletir sobre as transformações nas concepções das pibidianas acerca da literatura e da mediação estética; (iii) discutir contribuições dessa prática para pensar a formação docente em perspectiva sensível e criadora.

METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, ancorado na perspectiva da pesquisa-formação, conforme vivência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Pedagogia. A experiência foi realizada no primeiro semestre de 2025, em uma escola pública municipal situada na periferia de Rondonópolis (MT), com uma turma de crianças da Educação Infantil, com idade de 5 anos.

Participaram da atividade a professora regente da turma, que também atuava como supervisora do subprojeto PIBID, e três pibidianas em formação inicial. A proposta consistiu na realização de um piquenique literário, organizado no gramado da escola, com uso de tapetes de EVA, tecidos e varal de livros, a partir de uma curadoria prévia de obras de literatura infantil. O espaço foi estruturado de modo intencional para favorecer uma experiência estética de leitura com, para e pelas crianças.

Como técnicas de produção de dados, foram utilizados registros escritos (diários reflexivos das pibidianas e da supervisora), fotografias e filmagens de momentos da atividade, com foco nos gestos leitores das crianças, nas interações entre pares e na mediação realizada pelas participantes adultas. Além disso, houve observação participante durante toda a vivência, com posterior sistematização coletiva dos principais acontecimentos significativos.

A análise dos dados ocorre de forma descritiva e interpretativa, centrada na identificação de episódios reveladores das relações das crianças com os livros e das aprendizagens formativas das pibidianas. Esses episódios são articulados ao referencial teórico, dialogando com concepções de literatura como arte, infância como sujeito cultural e formação docente em perspectiva estética e sensível.





Quanto ao uso das imagens, cabe destacar que nenhuma criança será exposta ou identificada publicamente, e os registros visuais permanecem no acervo interno da professora supervisora, utilizados exclusivamente para fins de reflexão pedagógica entre os envolvidos, conforme os princípios éticos da pesquisa com crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

Literatura infantil como experiência estética

A literatura infantil, quando compreendida como arte, assume papel fundamental na constituição simbólica das crianças. Não se trata apenas de um recurso pedagógico, mas de uma linguagem que possibilita o acesso ao sensível, ao poético e ao imaginativo. Segundo Cademartori (2011), a literatura infantil deve ser reconhecida por sua qualidade estética, não sendo reduzida à função didática ou moralizante. Esse entendimento amplia o lugar da leitura na Educação Infantil, permitindo que o texto literário seja vivido como encontro, descoberta e invenção.

Cecília Bajour (2012) defende que a mediação literária deve ser construída como uma escuta atenta e relacional, capaz de estabelecer vínculos entre leitores, livros e mundos possíveis. Para a autora, mediar leitura é abrir espaço para o inesperado, para o que escapa ao controle do adulto e emerge da sensibilidade da criança diante do texto. A leitura literária, nesse sentido, não é tarefa técnica, mas uma experiência que envolve corpo, voz, tempo e afetos.

Christov (2010) complementa essa visão ao afirmar que o contato com a literatura na infância deve ser entendido como experiência estética, ou seja, como vivência que provoca deslocamentos, estranhamentos e encantamentos. A escolha dos livros (a curadoria), a ambientação do espaço, a linguagem do adulto que lê e escuta — tudo isso compõe a cena estética da leitura. É nesse contexto que o piquenique literário se configura como prática de fruição: ao levar os livros para o gramado, organizando um espaço sensível e acolhedor, cria-se uma ambiência onde o literário pode ser vivido como arte.



Micarello e Baptista (2018), ao investigarem a leitura literária na formação docente, argumentam que a literatura tem potência formadora não apenas para as crianças, mas também para os futuros professores. Quando as pibidianas se colocam como mediadoras sensíveis, construindo experiências como o piquenique literário, ampliam sua própria concepção de leitura e de infância. Assim, a literatura deixa de ser um conteúdo a ser ensinado e passa a ser uma linguagem que forma, toca e transforma.

Infâncias como sujeitos culturais e estéticos

Reconhecer as crianças como sujeitos culturais é um deslocamento importante no campo da Educação Infantil. Trata-se de compreender que as infâncias produzem saberes, linguagens, valores e formas próprias de estar no mundo. Essa perspectiva rompe com a ideia de infância como fase preparatória ou incompleta, reconhecendo-a como tempo presente, pleno de significados. Friedmann (2018) ressalta que as crianças não apenas aprendem a cultura, mas a constroem ativamente, por meio de brincadeiras, gestos, olhares, palavras e silêncios.

Nesse contexto, a dimensão estética das infâncias ganha centralidade. Eckschmidt (2015) afirma que as crianças se relacionam com o mundo de forma sensível e expressiva, experimentando os objetos, espaços e linguagens por meio do corpo, da imaginação e da curiosidade. Ao organizar um piquenique literário, deslocando os livros para fora da sala de aula, cria-se a possibilidade de que as crianças explorem esse espaço com liberdade e autoria. A estética aqui não está apenas na obra literária, mas na experiência do encontro com o livro e com os outros, no chão, na grama, ao ar livre.

O pensamento do professor criancista Altino José de Oliveira contribui de forma sensível para esse olhar sobre as infâncias. Para o autor, é necessário um educador atento às minúcias do cotidiano, capaz de perceber os gestos, falas e inquietações das crianças como expressões legítimas de seus modos de ser. Ao valorizar o desejo de uma criança de "ler" após ouvir a narrativa de *Lelé da Cuca*, apontando para letras e imagens como forma de recontar a história, a proposta do piquenique literário evidencia esse protagonismo infantil e reafirma a criança como sujeito estético.





A linguagem poética de Manoel de Barros também pode ser evocada para sustentar esse olhar ampliado sobre a infância. Seus textos celebram o pequeno, o invisível, o detalhe — dimensões que dialogam com a atenção necessária à escuta das crianças. Como diz o poeta, “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”, lembrando-nos que o mundo da infância é repleto de invenções que desafiam os sentidos fixos e abrem espaço para a criação.

Formação docente sensível na Educação Infantil

A formação docente na Educação Infantil, sobretudo no contexto brasileiro, ainda enfrenta desafios quando se trata de incorporar dimensões sensíveis e estéticas como parte constitutiva da prática pedagógica. Muitas vezes, os cursos de Pedagogia oferecem uma formação tecnicista, com foco em conteúdos e métodos, mas sem espaço para experiências que envolvam arte, corpo e imaginação (Ostetto; Silva, 2018). Essa lacuna torna-se ainda mais visível quando se observa a escassa presença da literatura como linguagem estética na formação inicial de professoras.

Luciana Ostetto (2021) defende a necessidade de repensar os processos formativos para que incluam a arte como prática de escuta, experimentação e criação. Para a autora, é no contato com as linguagens artísticas — como a literatura — que o futuro professor amplia sua sensibilidade, sua capacidade de perceber o outro e de criar contextos pedagógicos mais humanizados. Práticas como o piquenique literário oferecem às pibidianas oportunidades reais de desenvolver esse olhar, exercitando a mediação leitora não apenas como técnica, mas como gesto ético e estético.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ao inserir as licenciandas em experiências formativas no chão da escola pública, torna-se espaço fecundo para a construção de uma docência em movimento. Nesse processo, a mediação da leitura literária em contextos sensíveis, como no gramado da escola, promove deslocamentos nas concepções das futuras professoras: da leitura como obrigação escolar para a leitura como encontro com o outro e consigo mesma (Micarello; Baptista, 2018; Moro; Vieira, 2019).



Selma Garrido Pimenta (1999) aponta que a formação docente exige espaços de reflexão sobre a prática e sobre os sentidos do ensinar. Para além do domínio de conteúdos, é preciso formar professoras capazes de problematizar, de escutar, de criar. O piquenique literário, nesse sentido, foi não apenas uma atividade para as crianças, mas também uma experiência formativa para as pibidianas, desafiando-as a pensar o lugar da leitura, da infância e da estética no cotidiano da escola pública.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da experiência foi organizada em três categorias analíticas, definidas a partir da recorrência e relevância dos registros empíricos produzidos durante a vivência do piquenique literário: (1) Gesto leitor e desejo de leitura; (2) Leitura como prática coletiva; e (3) Emergência investigativa das infâncias. As categorias emergiram do diálogo entre observações de campo, registros visuais e escritos das pibidianas, e da fundamentação teórica adotada neste estudo.

Gesto leitor e desejo de leitura

Nesta categoria, observa-se o modo como as crianças se apropriaram da leitura literária por meio de gestos, expressões e recontos. Destaca-se o caso de uma criança que, após ouvir a narrativa *Lelé da Cuca*, expressou o desejo de "ler também", apontando para as letras e imagens enquanto reconstruía a história oralmente. Esse comportamento revela o envolvimento estético com o texto e a internalização da lógica narrativa mesmo antes da alfabetização formal.

Conforme Cademartori (2011), o gesto leitor precede a leitura convencional e se manifesta como experiência estética e sensível. Bajour (2012) complementa ao afirmar que a mediação literária deve abrir espaço para a expressão do leitor infantil em suas múltiplas formas. Nesse sentido, a atividade permitiu que a criança se posicionasse como autora da leitura, o que foi reconhecido pelas pibidianas como revelador do papel formador da





literatura. A experiência contribuiu para ampliar a compreensão das licenciandas sobre os modos plurais de ler na infância.

2. Leitura como prática coletiva

A segunda categoria evidencia como as interações entre as crianças durante a atividade favoreceram práticas coletivas de leitura. Em duplas ou pequenos grupos, as crianças compartilhavam livros, apontavam figuras, verbalizavam trechos e construíam sentidos conjuntamente. Essas interações ocorreram de forma espontânea e autônoma, sem a mediação direta do adulto, reforçando a ideia de que a leitura pode ser um ato coletivo e social.

Eckschmidt (2015) defende que as infâncias se constroem em rede, nas relações e nos encontros. Essa leitura compartilhada demonstra que o espaço estético criado — fora da sala de aula — favoreceu trocas afetivas e expressivas entre as crianças. As pibidianas, ao observarem esses momentos, relataram nos registros uma mudança de postura: passaram de mediadoras que conduzem para mediadoras que escutam e acolhem. Isso corrobora com Ostetto (2021), ao afirmar que a formação docente sensível exige a disposição para se afetar pelas práticas da infância.

3. Emergência investigativa das infâncias

A última categoria trata da dimensão investigativa das crianças, expressa a partir da curiosidade diante de elementos do cotidiano. Após o encerramento da atividade, um grupo de crianças se deparou com um buraco no parque da escola, iniciando uma série de hipóteses e perguntas. Esse episódio foi retomado nos dias seguintes por meio de rodas de conversa e registros gráficos, demonstrando a continuidade da experiência estética em outros territórios da aprendizagem.

Segundo Altino José de Oliveira, a escuta das minúcias do cotidiano infantil é uma via potente de formação. O episódio do buraco revelou que a fruição estética não se limita à leitura dos livros, mas desdobra-se em investigações sensíveis promovidas pelas próprias crianças. Para as pibidianas, foi um marco de entendimento sobre o papel da mediação: não apenas propor, mas acompanhar os desdobramentos do que as infâncias provocam. Tal





compreensão aproxima-se do que Pimenta (1999) denomina de reflexão crítica sobre a prática, fundamental à formação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste artigo evidenciou que a literatura infantil, quando vivenciada em contextos sensíveis e esteticamente organizados, tem potencial formador tanto para as crianças quanto para as futuras professoras. O piquenique literário, ao deslocar a leitura para o gramado da escola, possibilitou novas formas de relação com os livros, abrindo espaço para o desejo, a autoria e a imaginação das infâncias.

As crianças, ao se apropriarem dos livros com liberdade, expressaram gestos leitores potentes, verbalizaram histórias, interagiram entre si e deram continuidade ao processo de aprendizagem por meio da curiosidade investigativa. Esses achados confirmam a literatura como linguagem estética e reforçam a importância de ambientes que favoreçam a fruição e a escuta ativa na Educação Infantil.

Para as pibidianas envolvidas, a atividade constituiu-se como momento formativo fundamental, ampliando sua concepção sobre leitura, infância e mediação. A experiência contribuiu para o desenvolvimento de um olhar mais atento, sensível e reflexivo sobre a docência, em consonância com perspectivas teóricas que defendem a formação docente como processo em movimento, atravessado pelas vivências reais no cotidiano escolar.

Em termos de aplicação empírica, a proposta pode inspirar outras práticas pedagógicas que busquem integrar arte, infância e formação docente, sobretudo em escolas públicas, muitas vezes marcadas por estruturas rígidas e práticas convencionais. Ao valorizar o cotidiano, os gestos e os interesses das crianças, a atividade mostrou-se simples, viável e transformadora.

Considerando os limites de um relato de experiência pontual, reconhece-se a necessidade de novas pesquisas que investiguem com maior profundidade os efeitos da literatura como prática estética na formação inicial docente, bem como em contextos diversos da Educação Infantil. Há também espaço para ampliar o diálogo com famílias, gestão escolar e políticas públicas, de modo a fortalecer uma cultura literária que respeite e celebre os modos de ser e ler das infâncias.





REFERÊNCIAS

Bajour, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BrasiL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

Cademartori, Ligia. **Literatura infantil**: desafios e perspectivas. São Paulo: Ática, 2011.

Christov, Luiza. **Leitura e literatura na educação infantil**: mediação e formação do leitor literário. São Paulo: Cortez, 2010.

Eckschmidt, Sandra Regina Simonis. A potência estética e política dos cotidianos infantis. **Revista Infância e Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11–24, 2015

Friedmann, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas nas infâncias. São Paulo: Panda Books, 2018.

Micarello, Hilda; Baptista, Mônica Correia. Literatura na Educação Infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, 2018.

Moro, Catarina de Souza; Vieira, Daniele Marques. **Leituras em Educação Infantil**: contribuições para a formação docente. Guarapuava: Unicentro, 2019.

Oliveira, Altino José de. **Pedagogia criancista**: uma escuta sensível das infâncias. Curitiba: Appris, 2021.

Ostetto, Luciana Esmeralda. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente. **GEArte**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 1–17, 2021.

Ostetto, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito. Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se! **Poiésis**, Niterói, v. 12, n. 21, p. 185–203, 2018.

Pimenta, Selma Garrido. **Professora**: identidade e formação. São Paulo: Cortez, 1999.



